

O AMANTE

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARGUERITE DURAS
O AMANTE

TUSQUETS
EDITORES

Tradução
Denise Bottmann

Posfácio
Leyla Perrone-Moisés

TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Marguerite Duras, 1984
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.
Título original: *L'Amant*

Revisão: Elisa Martins e Thais Rimkus
Diagramação: Abreu's System
Projeto gráfico: Jussara Fino
Capa: adaptada do projeto gráfico de Companhia
Imagem de capa: Pictorial Press Ltd / Alamy / Fotoarena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Duras, Marguerite
O amante / Marguerite Duras; tradução de Denise Bottmann.
- São Paulo: Planeta, 2020.
128 p.
ISBN 978-65-5535-066-1
Título original: *L'amant*
1. Ficção francesa I. Título II. Bottmann, Denise
20-2005 CDD 843

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção francesa

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar
Consolação - 01415-002 - São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Um dia, eu já tinha bastante idade, no saguão de um lugar público, um homem se aproximou de mim. Apresentou-se e disse: “Eu a conheço desde sempre. Todo mundo diz que você era bonita quando jovem; venho lhe dizer que, por mim, eu a acho agora ainda mais bonita do que quando jovem; gostava menos do seu rosto de moça do que do rosto que você tem agora, devastado”.

Penso com frequência nessa imagem que sou a única ainda a ver e que nunca mencionei a ninguém. Ela continua lá, no mesmo silêncio, fascinante. Entre todas as imagens de mim mesma, é a que me agrada, nela me reconheço, com ela me encanto.

Muito cedo foi tarde demais em minha vida. Aos dezoito anos, já era tarde demais. Entre os dezoito e os vinte e cin-

co anos, meu rosto tomou um rumo imprevisto. Aos dezoi-
to, envelheci. Não sei se isso acontece com todo mundo,
nunca perguntei. Acho que me falaram dessa arremetida
do tempo que às vezes nos atinge quando atravessamos
as idades mais jovens, as mais celebradas da vida. Esse
envelhecimento foi brutal. Eu o vi ganhar meus traços, um
a um, mudar a relação que existia entre eles, aumentar os
olhos, entristecer o olhar, marcar mais a boca, imprimir
profundas gretas na testa. Em vez de me assustar, acom-
panhei a evolução desse envelhecimento do meu rosto
com o interesse que teria, por exemplo, pelo desenrolar
de uma leitura. Sabia também que não me enganava, um
dia ele diminuiria o ritmo e retomaria seu curso normal.
As pessoas que me haviam conhecido, aos dezessete anos,
quando estive na França, ficaram impressionadas ao me
rever dois anos depois, aos dezenove. Eu conservei aquele
rosto. Foi o meu rosto. Claro, ele continuou a envelhecer,
mas relativamente menos do que deveria. Tenho um rosto
lacerado por rugas secas e profundas, a pele sulcada. Ele
não decaiu como certos rostos de traços finos; manteve os
mesmos contornos, mas sua matéria se destruiu. Tenho
um rosto destruído.

Permitam-me dizer, tenho quinze anos e meio.

Uma balsa desliza sobre o Mekong.

A imagem permanece durante toda a travessia do rio.

Tenho quinze anos e meio, este país não tem esta-
ções, vivemos numa estação só, quente, monótona; vive-

mos na longa zona quente da terra, sem primavera, sem renovação.

Estou num pensionato público em Saigon. Como e durmo nesse pensionato, mas vou às aulas fora, no liceu francês. Minha mãe, professora, quer que a filha faça o secundário. O que você precisa é do secundário. O que era suficiente para ela não é mais para a menina. O secundário e depois prestar concurso para ser professora de Matemática. Sempre ouvi essa ladainha, desde meus primeiros anos de escola. Nunca pensei em escapar ao concurso para o magistério, ficava feliz que ela esperasse isso. Sempre vi minha mãe imaginar a cada dia seu futuro e o de seus filhos. Um dia, ela não pôde mais imaginar futuros grandiosos para os filhos e, então, imaginou outros, futuros truncados, mas ainda assim eles cumpriam sua função, ocupavam-lhe o tempo. Lembro os cursos de Contabilidade para meu irmão mais moço. A escola por correspondência, todos os anos, todas as séries. Temos de recuperar, dizia minha mãe. Aquilo durava três dias, nunca quatro, nunca. Nunca. Deixava-se a escola por correspondência quando ela era transferida de posto. Recomeçava-se no novo posto. Minha mãe resistiu por dez anos. Não adiantou nada. Meu irmão mais moço tornou-se um pequeno contador em Saigon. Não existia escola de Engenharia na colônia, e a isso devemos a partida de meu irmão mais velho para a França. Durante alguns anos, ele ali ficou para fazer Engenharia. Não fez. Minha mãe certamente não se

iludia. Mas não tinha escolha, precisava separar esse filho dos outros dois. Durante alguns anos, ele deixou de fazer parte da família. Foi em sua ausência que a mãe comprou a concessão. Terrível aventura, mas para nós, os filhos que restavam, menos terrível do que seria a presença do assassino das crianças da noite, da noite do caçador.

Disseram-me muitas vezes que foi o sol forte demais durante toda a infância. Não acreditei nisso. Disseram-me também que foi a reflexão em que a miséria mergulhava as crianças. Mas não, não foi isso. As crianças-velhas da fome endêmica, sim, mas nós não, nós não passávamos fome, éramos crianças brancas, sentíamos vergonha, vendíamos nossos móveis, mas não passávamos fome, tínhamos um criadinho e comíamos, verdade que apenas de vez em quando, porcarias, aves do mangue, pequenos jacarés, mas essas porcarias eram preparadas por um criado, servidas por ele, e às vezes também recusávamos, permitíamos-nos esse luxo de não querer comer. Não, quando eu tinha dezoito anos aconteceu alguma coisa que fez surgir esse rosto. Devia ser à noite. Eu tinha medo de mim, tinha medo de Deus. De dia, eu tinha menos medo e a morte parecia menos pesada. Mas ela não me deixava. Eu queria matar meu irmão mais velho, queria matá-lo, ter razão contra ele uma vez, pelo menos uma única vez, e vê-lo morrer. Era para retirar da frente de minha mãe o objeto de seu amor, esse filho, puni-la por amá-lo tanto, tão mal, e, sobretudo, para salvar meu irmão mais moço,

achava eu, meu irmãozinho, minha criança, da vida vivida por esse irmão mais velho sobre a sua, desse véu negro sobre o dia, dessa lei representada por ele, decretada por ele, um ser humano, e que era uma lei animal, e que a cada instante de cada dia disseminava o medo na vida de meu irmão pequeno, medo que certa vez atingiu seu coração e o levou à morte.

Escrevi muito sobre essas pessoas da minha família, mas enquanto ainda estavam vivas, a mãe e os irmãos, e escrevi sobre eles, sobre essas coisas sem chegar diretamente a elas.

A história da minha vida não existe. Ela não existe. Nunca há um centro. Nem caminho, nem linha. Há vastos lugares em que é de crer que houvesse alguém, não é possível que não houvesse ninguém. A história de uma minúscula parte de minha juventude, já a escrevi mais ou menos, enfim, quer dizer, dei-a a perceber; falo justamente desta parte, a da travessia do rio. O que faço aqui é diferente e parecido. Antes, falei dos períodos claros, dos que estavam esclarecidos. Aqui falo dos períodos encobertos dessa mesma juventude, de certos fatos, certos sentimentos, certos acontecimentos que enterrei. Comecei a escrever num meio que me impelia fortemente ao pudor. Escrever para eles ainda era moral. Escrever, agora, é muitas vezes como se não fosse mais nada. Às vezes sei disto:

que a partir do momento em que não é mais, todas as coisas confundidas, ir ao sabor da vaidade e do vento, escrever não é nada. Que a partir do momento em que não é, a cada vez, todas as coisas confundidas numa só por essência indefinível, escrever não é nada senão publicidade. Mas na maioria das vezes não tenho opinião, vejo que todos os campos estão abertos, que não haveria mais muros, que a escrita não teria mais onde se esconder, onde ser feita, onde ser lida, que sua inconveniência fundamental não seria mais respeitada, mas não vou muito além.

Agora vejo que desde muito jovem, desde os dezoito, quinze anos, tive aquele rosto premonitório deste outro que depois adquiri com o álcool na meia-idade. O álcool cumpriu a função que Deus não cumprira, ele também teve a função de me matar, de matar. Esse rosto alcoólico me veio antes do álcool. O álcool só o confirmou. Havia em mim o lugar para ele, soube disso como os outros, mas, curiosamente, antes da hora. Assim como havia em mim o lugar do desejo. Aos quinze anos, eu tinha o rosto do gozo e não conhecia o gozo. Via-se muito bem esse rosto. Até minha mãe devia vê-lo. Meus irmãos viam. Tudo começou desse jeito para mim, por esse rosto visionário, extenuado, esses olhos pisados antes do tempo, antes da *experiência*.

* * *

Quinze anos e meio. É a travessia do rio. Quando volto a Saigon, sinto-me em viagem, principalmente quando pego o ônibus. E naquela manhã peguei o ônibus em Sadec, onde minha mãe é diretora da escola feminina. É o fim das férias escolares, não lembro bem quais. Fui passá-las na pequena residência funcional de minha mãe. E nesse dia estou voltando a Saigon, ao pensionato. O ônibus para os nativos saiu da praça do mercado de Sadec. Como de hábito, minha mãe me acompanhou e me confiou ao motorista, ela sempre me confia aos motoristas de ônibus de Saigon, para o caso de um acidente, um incêndio, um estupro, um ataque de piratas, uma pane fatal da balsa. Como de hábito, o motorista me colocou na frente, perto dele, no lugar reservado aos passageiros brancos.

É no curso dessa viagem que a imagem teria sido destacada, subtraída ao conjunto. Poderia ter existido, poderiam ter tirado uma foto, como qualquer outra, em outro lugar, em outras circunstâncias. Mas não tiraram. O objeto era miúdo demais para tanto. Quem iria pensar nisso? Ela só poderia ter sido tirada se fosse possível prever a importância daquele acontecimento em minha vida, aquela travessia do rio. Ora, enquanto ela ocorria, até mesmo sua existência era ainda ignorada. Só Deus a conhecia. É por isso que essa imagem, e não podia ser de outra forma, não existe. Foi omitida. Foi esquecida. Não foi destacada, subtraída ao conjunto. É a essa falta de ter sido registrada que

ela deve sua virtude, a de representar um absoluto, de ser justamente a sua autora.

É, portanto, durante a travessia de balsa de um braço do Mekong entre Vinhlong e Sadec, na grande planície de lodo e arroz do sul da Cochinchina, a planície dos Pássaros.

Desço do ônibus. Vou até a amurada. Olho o rio. Às vezes minha mãe me diz que nunca, em toda a minha vida, voltarei a ver rios tão belos, tão grandes, tão selvagens, o Mekong e seus braços que descem para os oceanos, esses territórios de água que vão desaparecer nas cavidades dos oceanos. Na planura a perder de vista, esses rios correm velozes, deslizam como se a terra se inclinasse.

Sempre desço do ônibus quando estamos na balsa, à noite também, porque sempre tenho medo, medo de que os cabos cedam, de que sejamos arrastados para o mar. Na terrível correnteza vejo o último momento de minha vida. A correnteza é tão forte que arrastaria tudo, até pedras, uma catedral, uma cidade. Há uma tempestade que sopra no interior das águas do rio. Um vento que se debate.

Estou com um vestido de seda natural, gasto, quase transparente. Tinha sido antes de minha mãe; um dia ela deixou de usá-lo porque achava claro demais e me deu. É um vestido sem mangas, muito decotado. Daquele tom amarelado que a seda natural adquire com o uso. Tenho-o

na lembrança. Acho que ele me cai bem. Uso um cinto de couro na cintura, talvez de meus irmãos. Não me lembro dos sapatos que usava naquele tempo, só de certos vestidos. Na maior parte do tempo, uso sandálias de lona sem meias. Falo da época anterior ao colégio de Saigon. A partir de então, naturalmente sempre uso sapatos. Naquele dia, eu devia estar com aqueles famosos sapatos de salto alto em lamê dourado. Não vejo que outra coisa poderia usar naquele dia, portanto eu os uso. Saldo de liquidação que minha mãe me comprou. Uso esses sapatos de lamê dourado para ir ao liceu. Vou ao liceu com sapatos de noite enfeitados com pequenos desenhos de *strass*. É por minha vontade. Só me suporto com esse par de sapatos, e ainda agora é o que quero, são os primeiros sapatos de salto alto da minha vida, lindos, eclipsaram todos os anteriores, aqueles para correr e brincar, baixos, de lona branca.

Não são os sapatos que compõem o que há de insólito, de inaudito, na aparência da menina naquele dia. O que há naquele dia é que a menina está usando um chapéu masculino com a aba reta e lisa, um feltro macio cor de pau-rosa com uma larga fita preta.

A ambiguidade determinante da imagem está nesse chapéu.

Como ele chegou até mim, esqueci. Não imagino quem poderia ter me dado. Acho que foi minha mãe que comprou, a pedido meu. Única certeza: era um saldo de

liquidação. Como explicar essa compra? Nessa época, nenhuma mulher, nenhuma moça usava chapéu masculino na colônia. Nenhuma nativa tampouco. O que deve ter acontecido é que experimentei esse chapéu, à toa, de brincadeira, olhei-me no espelho da loja e vi: sob o chapéu masculino, a ingrata magreza da forma, essa imperfeição da infância, se tornou outra coisa. Deixou de ser um dado brutal, fatal, da natureza. Tornou-se, pelo contrário, uma escolha oposta a ela, uma escolha do espírito. De repente eu quis essa magreza. De repente eu me vejo como outra, como outra seria vista, de fora, posta à disposição de todos, à disposição de todos os olhares, na circulação das cidades, dos caminhos, do desejo. Pego o chapéu, não me separo mais dele, eu o tenho, tenho esse chapéu que me faz sentir inteira com ele, não o deixo mais. Quanto aos sapatos, deve ter sido meio parecido, mas depois do chapéu. Eles contradizem o chapéu, tal como o chapéu contradiz o corpo franzino, portanto são bons para mim. Também não os deixo mais, vou a todos os lugares com esses sapatos, esse chapéu, na rua, toda hora, em todo lugar, vou à cidade.

Encontrei uma fotografia de meu filho aos vinte anos. Ele está na Califórnia com suas amigas Erika e Elisabeth Lennard. É tão magro que parece um ugandense branco. Seu sorriso me parece arrogante, tem um ar irônico. Ele quer passar uma imagem desleixada de jovem vagabundo. Gosta disso, pobre, com essa cara de pobre, esse ar